

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

FH não vai a debates *eleição - presidencial*

• O susto das pesquisas promoveu o encontro do presidente FH com o esquecido estilo Fernando Henrique. Agora ele se apresenta simpático mas não irônico, está confiante mas não olímpico e reaprendeu a combinar vaidade e humildade. Já não desqualifica a crítica. Antecipa o mea-culpa. Uma das poucas decisões que antecipa, confessa que é defensiva: não irá a debates no primeiro turno. Nessa arena, seriam todos contra eles.

As alterações que o poder operou em sua personalidade ou comportamento já foram registradas por todos que o conhecem há anos. Se agora o presidente se apresenta como o acessível e franco senador de outros tempos, e prometendo recorrer mais às emoções, ao gestual e à oferta de novas utopias, é provável que faça cálculo e represente. Mas, como todo mortal, deve estar também processando o efeito da queda, que não se restringe à redução dos índices. FH, que se julgava o príncipe bem amado, admite que o povo anda com bronca de seu Governo, uma expressão de Carlos Menem que achou precisa.

A vertigem da queda fez a cautela sobrepor-se ao orgulho. Em relação às pesquisas, por exemplo, FH é muito mais cauteloso que o próprio Ibope, que já aponta novamente a possibilidade de ele ganhar em primeiro turno. Agora com 36% de preferência de voto contra 28% de Lula, segundo o instituto FH tem apenas dois pontos a menos que o conjunto dos adversários. A aprovação do Governo também cresceu em 30 dias, mas FH acha muito cedo para tirar conclusões. E por que caiu? Ele enumera aqueles conhecidos erros do Governo — atraso para enfrentar o desemprego, o fogo em Roraima, a seca, a exploração da expressão vagabundo, a peleja pelas reformas etc — antes de penitenciar-se:

— O Governo estava muito olímpico, esquecido de que chegara o ano eleitoral e tinha adversários. Nesta hora, mesmo os pecados veniais tornaram-se mortais.

Mea-culpa, ele diz que não tem problema em fazer, até porque terá que explicar o que fez, o que não fez e o que não pode fazer neste mandato.

Mas o começo da queda está lá atrás, recorda, na crise asiática que o obrigou a voltar de Isla Margarita para baixar o pacote fiscal. Naquele momento, tinha consciência clara de que arriscava sua popularidade, e até esperava que a conta política viesse antes e mais salgada. Ela aconteceu com atraso.

Não se arrepende. Naquele momento, estavam em jogo a moeda e o país, não a reeleição. Dobrar os juros foi mesmo necessário, mas algumas medidas propostas pela equipe econômica anteviu que funcionariam como simbolismo negativo e nada mais. “Maldades desnecessárias”, diz, recuperando o sarcasmo. Entre tais, a promessa não cumprida de demitir 30 mil servidores não-estáveis. Mas baixou o pacote inteiro, até como prova de que não temia tomar medidas impopulares. A seguir a economia retraiu-se, o desemprego aumentou, veio a sequência de pecados e ele mesmo desantenuou-se: mergulhado na rotina de governar e resolver problemas, confessa ter ignorado a disputa, subestimado os adversários e perdido a sintonia com o sentimento nacional. E volta a recorrer à expressão de Menem:

— Tudo isso produziu uma bronca difusa contra o Governo. A hora ainda não é de definição eleitoral. Um sinal disso, e da bronca, é essa rápida

flutuação nos índices.

Se a bronca está aí, e as pesquisas ainda não oferecem segurança, como será reconquistado o eleitorado? Primeiro, foi preciso ir para a mídia explicar tudo e defender o Governo, e ele acha que isso produziu sua recuperação registrada pelo Ibope. A valorização da estabilidade, numa hora de crise, fará sua parte. E há outras receitas. Uma delas foi dada por Bill Clinton, que lhe disse depois de reeleito: “Ganhei não pelo que fiz, mas pelo que disse que ia fazer”. Mas FH sabe que sair prometendo muito agora soaria falso. Oferecerá novas utopias, a partir do que já fez, na linha da continuidade. Não se alonga, garantindo apenas que um eventual segundo governo será muito diferente do atual. As promessas ficam para a campanha.

Tem ainda a receita simbólica, que, pelo visto, já está sendo aplicada. Quem já se disse “cartesiano mas com uma pitada de candomblé” — no sentido antropológico, de quem se guia pelos sentidos e pelos emblemas da cultura — agora promete:

— Será preciso investir mais no gestual. Ser menos racional e mais candomblé. O povo gosta de emoções.

E já não fala candomblé, afrancesadamente, como reparou ACM.

Simbolismos à parte, avalia as dificuldades da primeira campanha de um presidente no cargo e admite que dois fatos o liquidariam. Um escândalo moral ou a quebra da estabilidade econômica, que traria um descrédito irreversível. O primeiro acha inconcebível e o segundo, muito improvável. Recupera um pouco a vaidade quando pergunta:

— Entre eu e o povo não há nada mais que o Real? Não terei nenhuma virtude?

Falas das suas, mas agora evita apontar defeitos nos adversários.

As complicações estaduais, tangencia. Ao mesmo tempo que admite a necessidade de boas alianças, afirma que os líderes locais nem sempre dirigirão os eleitores na eleição presidencial. No Rio, com o equilíbrio possível, estará com o tucano Luiz Paulo e também com o pefelista César Maia, um força aliada cujo apoio seria louco se desprezasse. Em Minas, jura que não autorizou as gestões do ministro Renan Calheiros para facilitar a candidatura de Itamar Franco contra o governador Azeredo. No Maranhão, não deixa dúvidas. Apoiará Roseana Sarney, que nunca lhe negou apoio no Congresso, ao passo que os tucanos votaram contra a reforma da Previdência. E lá, optaram por ficar com Eptácio Cafeteira.

Dá a entender que seu partido, o PSDB, é injusto ao acusá-lo de estar implodindo as candidaturas tucanas em favor dos outros partidos aliados.

E quanto ao PMDB, não nega a importância de seu apoio, principalmente pelo tempo de televisão. Mas jura que não vai mover palha para ganhar a convenção de domingo. Sua cota de desgastes já foi estourada.